

Questão de Gênero Através de Atividades Relacionadas ao Futebol: Uma Proposta Crítico Superadora

Aliny Aparecida da Silva¹; Thais Rosa de Lima² e Mateus Camargo Pereira³

¹Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, ¹thaislinemxb@hotmail.com; ²aliny11_silva@hotmail.com, ³matunicamp@gmail.com

Introdução

O futebol é um dos esportes mais conhecidos no Brasil, todavia, como afirmam Knijnik; Vasconcellos (2003) as mulheres sempre sofreram certa restrição ao praticá-lo, seja pela legislação (até 1979), seja pelo preconceito. Atualmente elas participam de várias modalidades esportivas, entretanto isso é muitas vezes motivo de vários questionamentos e sua participação não é pacificamente aceita no ambiente esportivo e principalmente no escolar, apesar dos documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs- e Conteúdo Básico Comum -CBC) preverem as atividades mistas nas aulas de educação física.

A escola é um bom espaço para se trabalhar a questão de gênero por abordar várias questões da cultura, podendo ser discutidos problemas sociais e sendo a educação física, como afirma Coletivo de Autores (1992) a matéria que trata pedagogicamente os temas da cultura corporal, abre-se assim, um grande leque para discussões e reflexões como esta.

É necessário que se entenda a diferença entre gênero e sexo para se discutir esta questão e segundo Goellner (2010) *gênero* é a condição social por meio da qual nos identificamos como femininos e masculinos, é construído social e culturalmente por pessoas que vão marcando os corpos a partir daquilo que é feminino e masculino. Diferente de *sexo*, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa.

Como afirma Knijnik; Zuzzi (2010) várias praticas corporais acabam sendo exclusivamente de meninos e de meninas. Isso faz com que seja limitado o acesso e a participação de homens e mulheres em vários esportes.

Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. PCNs (1998).

Utilizamos para este trabalho a proposta crítico superadora, sendo que na mesma, busca-se problematizar elementos da realidade social dentro da escola. A proposta crítico superadora

não aceita que um homem seja submisso ao outro em função de sua classe social (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O trabalho teve o objetivo de Identificar e observar como a questão de gênero se manifesta no ensino do futebol em uma turma do 6º ano do ensino fundamental II e construir alternativas para se trabalhar a questão de acordo com a abordagem crítico superadora.

Materiais e Métodos

A amostra foi constituída de 39 alunos do ensino fundamental II, da Escola Estadual Secretário Tristão da Cunha (escola pública) na cidade de Divisa Nova – MG, com idades entre 11 e 12 anos.

Foram realizadas 10 aulas de 50 minutos cada baseadas na tendência crítico superadora.

As aulas ocorreram nos horários normais das aulas de educação física, 2 vezes por semana no período da tarde.

Cada aula foi registrada em diário de campo, de forma a referenciar a análise dos dados. Em todas as aulas foram feitas observações das falas e comportamento dos alunos sendo relatado o que acontecia de mais relevante nelas. Ao final, foi feito um desenho pelos alunos, onde estes relatavam o que eles haviam aprendido e o que mais haviam gostado nas aulas.

As aulas sempre foram realizadas com a participação do coletivo, em equipes e duplas.

Categorias de análise: diagnóstico, julgamento e teleologia (transformação).

Resultados e Discussões

Começamos essa discussão apresentando algumas respostas que foram dadas pelos alunos quando perguntamos a respeito do futebol, tal discussão foi feita com eles na primeira aula para que os mesmos dessem sugestões e opiniões do que sabiam a respeito da participação das mulheres na modalidade:

- “Na minha opinião, não acho certo as meninas jogarem porque o futebol é só para homens!”

-“As meninas são fracas!”

-“Os homens são melhores!”

Goellner (2010) afirma que muitas pessoas sofrem preconceito e violência por pertencerem a determinada classe social, habilidade física, etnia, entre outros, e isso se faz visível em falas discriminatórias e sexistas para se referir ao seu semelhante.

A partir da 4º aula começamos a perceber que começaram a surgir modificações em alguns alunos.

- “É mesmo dona! Quem ganhou foi quem trabalhou mais junto, em equipe!”

Os alunos começaram a entender o que é citado pelo Coletivo De Autores (1992) que a escola tem o papel de defender o compromisso de solidariedade e respeito humano, ter a compreensão de que jogo se faz a dois, e que existe diferença em jogar com o companheiro e contra o adversário.

No decorrer das aulas percebemos que a maioria dos alunos apresentaram uma modificação no comportamento. Verificamos isso pelas falas e pelos desenhos que eles fizeram na décima aula.

“Eu achei legal, pois não são só os homens que podem jogar futebol isso é um racismo, acho que homens e mulheres podem jogar futebol juntos sem problemas.”

Apesar dos alunos se mostrarem dispersos em algumas atividades, pudemos perceber que eles no final das 10 aulas tiveram uma transformação que como afirma Coletivo De Autores (1992) foi a Teleológica.

Conclusões

Ao final deste trabalho podemos concluir que o método que utilizamos para a sua realização nos trouxe um resultado positivo. Constatamos que houve uma modificação na maneira de pensar de boa parte dos alunos.

Temos consciência que nosso trabalho estimula uma tomada de consciência sobre o respeito às diferenças de gênero, mas não temos a pretensão de achar que as superamos somente com nossa intervenção, que apesar de possuir limites, contribui para o mundo em que vivemos.

Darido (2012) cita que a educação física escolar transmite as novas gerações, um patrimônio cultural muito rico de jogos e esportes, danças e ginásticas que demoraram séculos para serem construídos e merecem ser preservados e passados adiante. Todavia, o Coletivo de Autores (1992) afirma que não basta que os conteúdos sejam apenas transmitidos aos alunos, pois ainda que bem instruídos é preciso que sejam ligados de forma que tenham um significado humano e social.

Pudemos concluir, que no início do trabalho a manifestação do preconceito era visível nas falas e no comportamento dos alunos, mas ao longo das aulas, a maneira com que tratavam uns aos outros, o comportamento e as suas falas foram modificadas na grande maioria. Observamos assim, a importância de ser trabalhado essa questão, que exclui e limita as possibilidades de meninos e meninas estarem tendo novas vivências e experiências através de seus corpos, sendo que essa vivência proporciona grande conhecimento.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Segunda Parte: Orientação Sexual/** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta.** - 15. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008. (Coleção Corpo e Motricidade).

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S.C. **Diferentes Concepções Sobre o Papel Da Educação Física na Escola.** LETPEF – Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física. Departamento de Educação Física – UNESP – Rio Claro, p. 34-50, 2012.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade*** Cadernos de formação RBCE, p. 71-83, mar 2010.

KNIJNIK, J. D. ; ZUZZI, R. P. (org.) **Meninas e Meninos na Educação Física: Gênero e Corporeidade no Século XXI.** 1 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

VASCONCELOS, E. G.; KNIJNIK, J. D. **Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil.** In: COZAK; J. R. (org.) **Com a cabeça na ponta da chuteira- ensaios sobre a psicologia do esporte.** São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003, p.